

APRESENTAÇÃO

O dossiê sobre Luciano, cuja primeira parte se publica neste número duplo de *Nuntius antiquus*, tem como origem o colóquio realizado em 2009, em Ouro Preto, sobre “Luciano e a tradição luciânica”. A intenção foi tomar a produção de Luciano da perspectiva tanto da tradição que ele inaugura, quanto da tradição em que se inclui, tendo como perspectiva o que ele próprio declara em diferentes textos.

Com relação ao primeiro aspecto, lemos em *Filopseudes* que os efeitos da audição ou leitura de histórias fantásticas equivalem à mordida de um cão raivoso, pois “não só contraem a raiva (...) aqueles que os cães raivosos mordem, mas, se a alguém o homem que foi mordido morde, a mordida pode o mesmo que a do cão”.¹ Também em *Nigrino*, agora com relação ao discurso do filósofo, é a mesma figura da raiva que se transmite de mordido a mordido que retorna, “pois você sabe que os que são mordidos pelos cães raivosos não só eles próprios se tornam raivosos, mas, se em sua loucura eles põem alguns outros no mesmo estado, também estes ficam fora de si”, pois “algo da afecção se transmite junto com a mordida, a doença se propaga e a transmissão da loucura torna-se grande”.² Pode-se dizer que é assim que a tradição luciânica se institui e transmite, tendo como marca – nas palavras de Machado de Assis – “a ironia, esse movimento ao canto da boca, cheio de mistérios, inventado por algum grego da decadência, contraído por Luciano, transmitido a Swift e Voltaire, feição própria dos cétricos e desabusados”.³

Da segunda perspectiva, é ainda em *Nigrino* que se lê que o discurso do filósofo produzira no narrador “aquela afecção dos feácios” encantados diante da fala de Ulisses.⁴ Isso parece uma indicação preciosa de que a tradição na qual Luciano pretende incluir-se remonta a Homero, o que, aliás, se esclarece melhor quando, retomando o exemplo de Ulisses entre os feácios, em *Narrativas verdadeiras*, ele afirma que seu ponto de partida são “alguns dos antigos poetas, historiadores e filósofos que escreveram muitas coisas prodigiosas e fabulosas”, garantindo,

¹ *Filpseudes* 40.

² *Nigrino* 38.

³ Cf. de Assis, M. *Obra completa*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Aguilar, 1986, p. 294.

⁴ *Odisseia* IX, 333-4.

contudo, que “príncipe e mestre deles” foi o Ulisses de Homero.⁵ Dizer Homero, neste caso, supõe implicar toda a tradição, o que parecer ser a marca por excelência do modo luciânico de escrita: não que outros não dependam dos escritores que os antecedem, pois, afinal, é assim, como uma rede, que literatura e cultura se organizam e manifestam, mas o que ressalta é justamente o fato de que Luciano deseja enfatizar sua dívida para com a tradição – com “homenagens”, como hoje se diz, a Homero, a Platão, aos cômicos e ao “antigo cão Menipo”, para citar apenas as mais frequentes – de modo a que o leitor construa o entendimento esperado da obra.

Os textos restantes deste número duplo de *Nuntius Antiquus* cobrem, por sua vez, eixos temáticos distintos daqueles do dossiê sobre Luciano e também distintos entre si mesmos, apesar de se situarem (como aqueles) no vasto domínio da Antiguidade greco-romana. De Márcio Meirelles Gouvêa Júnior, assim, apresenta-se um artigo sobre a educação retórica romana, como aludida em certo poema (capítulo 5) que integra o *Satyricon* de Petrônio; de María Cecilia Colombani, um artigo sobre a *manía* assassina instigada sobre homens e mulheres por influência do deus grego Dioniso; de Everton Natividade e Fernanda Moura, uma tradução de uma passagem das *Silvas* (2.5) do poeta romano Estácio.

Com estas brevíssimas palavras, finalizamos a apresentação destes dois números da revista, desejosos de que os interessados em Luciano (e nos outros temas das contribuições aqui incluídas) possam tirar algum proveito e prazer da leitura.

Editores deste número duplo de *Nuntius Antiquus*
Prof. Dr. Jacyntho José Lins Brandão
Prof. Dr. Matheus Trevizam
Prof. Dr. Teodoro Rennó Assunção
Profa. Dra. Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa

⁵ *Narrativas verdadeiras* 1, 2-3.